

Estudinhos da língua portuguesa, de 1883, e Português: linguagens, de 2015, análise do fenômeno semântico homonímia

*Estudinhos da língua portuguesa, from 1883, and Português: linguagens (2015),
analysis of the homonymous semantic phenomenon*

Larissa de Farias Silveira*

*Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
Imperatriz, Maranhão, Brasil*

Silvânia Aparecida Alvarenga Nascimento*

*Universidade Federal de Catalão
Catalão, Goiás, Brasil*

Sônia Maria Nogueira*

*Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
Imperatriz, Maranhão, Brasil*

Resumo: Este artigo tem como objetivo geral contribuir com o ensino de língua materna, tendo como ênfase a semântica no ensino fundamental da rede pública de Imperatriz/MA, além dos específicos que se constituem em analisar os *corpora* em três aspectos: apresentação, organização e homonímia na sala de aula, e confrontar o ensino de semântica da Língua Portuguesa entre o manual didático de 1883 e 2015. A pesquisa consiste em uma abordagem qualitativa e documental, tendo sido utilizados os postulados de Ulmann (1964), Marques (1996), Lyons (1997, 2009), Ferrarezi Junior (2008), Ilari (2011), Cançado (2012, 2017), Abrahão (2018), entre outros, para compreender o saber linguístico das épocas, tendo como *corpora* a gramática *Estudinhos da Língua Portuguesa; escritos e compilados*, de Corrêa (1883), e a obra *Português: Linguagens*, de Cereja e Cochar (2015). Os resultados apontam que o estudo da homonímia foi privilegiado nos manuais didáticos, configurando uma convergência, e de maneiras divergentes no tocante à forma de exposição, pois, na obra de 1883, constatou-se conceitos e exemplos; e, na obra de 2015, atividades linguísticas sem a devida identificação ou conceituação do fenômeno semântico. Ressalta-se que este estudo é considerado relevante no processo de ensino-aprendizagem, para a proficiência na Língua Portuguesa.

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), possui graduação em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa, pela mesma pela Universidade. E-mail: larissafariasf2@gmail.com.

* Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: aparesilvania5@gmail.com.

* Doutorado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com estágio de doutorado nas Universidades de Letras e de Educação do Porto em Portugal (2011); mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005); mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA-Brasil/IPLAC-Cuba (1999). Atualmente é professora Classe D (Associado) Referência I da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) campus Imperatriz/MA, onde atua como docente e pesquisadora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE). E-mail: sonianogueira@uemasul.edu.br.

Palavras-chave: Semântica. Homonímia. Língua portuguesa.

Abstract: This article has the general objective of contributing to the teaching of mother language, with emphasis on semantics in elementary education in the public school system of Imperatriz/MA, in addition to the specific ones that constitute analyze the *corpora* in three aspects: introduction, organization and homonymy in the classroom, and compare the teaching of semantics of the Portuguese Language between the textbook from 1883 and 2015. The research consists of a qualitative and documentary approach, based on theorists such as Ulmann (1964), Marques (1996), Lyons (1997, 2009), Ferrarezi Junior (2008), Ilari (2011), Cançado (2012, 2017), Abrahão (2018), between others, to understand the linguistic knowledge of the times, having as its *corpora* the grammar *Estudinhos da Língua Portuguesa; escritos e compilados*, by Corrêa (1883), and the textbook *Português: Linguagens*, by Cereja and Cochar (2015). The results indicate that the study of homonymy was privileged textbooks, configuring a convergence, and in divergent ways regarding the form of exposure, as, in the 1883 textbook, concepts and examples were found; and in the 2015 textbook, linguistic activities without proper identification or conceptualization of the semantic phenomenon. This research is considered relevant in the teaching-learning process, towards proficiency in the Portuguese language.

Keywords: Semantic. Homonymy. Portuguese language.

1 INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa, no ensino fundamental, contempla o estudo da semântica, a fim de possibilitar a competência do estudante como usuário da linguagem formal e informal no seu contexto sociocultural. Diante disso, pergunta-se: Em que medida os manuais didáticos abordam o fenômeno semântico homonímia no processo ensino-aprendizagem proposto? Assim, este estudo tem como objetivo geral contribuir com o ensino de língua materna, tendo como ênfase a semântica no ensino fundamental da rede pública de Imperatriz/MA. O ensino da semântica é fundamental para a compreensão do significado das palavras, prevenindo equívocos e duplicidade de sentido provocados pela ambiguidade, garantindo precisão na comunicação. O estudo da semântica promove, “[...] ainda, conhecimentos quanto a modificação do léxico, evitando possíveis inadequações, que são ocasionadas por fenômenos semânticos, permitindo utilizar de forma adequada a Língua Portuguesa, tanto na fala como na escrita” (Matos; Silveira; Nogueira, 2022, p. 54). Dessa forma, os objetivos específicos são: descrever o momento educacional da segunda metade do século XIX e início do século XXI, no Brasil, especificamente no Maranhão; analisar os *corpora* em três aspectos: apresentação; organização e homonímia na sala de aula, e confrontar o estudo de semântica da Língua Portuguesa entre o manual didático de 1883 e de 2015.

A pesquisa consiste em uma abordagem qualitativa e documental, procurando descrever e explicar os fenômenos linguísticos dos séculos XIX e XXI, especificamente a homonímia. Para tanto, os *corpora* são as fontes *Estudinhos da Língua Portuguesa; escritos e compilados*, de José Augusto Corrêa (1883), e *Português: Linguagens*, de William Cereja e Thereza Cochar (2015), selecionadas por terem sido utilizadas no ensino da rede pública do Maranhão. Este trabalho busca os fatos linguísticos que ocorreram no passado para confrontá-los com os do presente. O embasamento teórico utilizado é o da semântica, que estuda a mudança de sentido do léxico no decorrer do tempo, sendo a ciência da significação que apresenta estudiosos como: Ulmann (1964), Marques (1996), Lyons

(1997, 2009), Ferrarezi Junior (2008), Ilari (2011), Cançado (2012, 2017), Abrahão (2018), entre outros.

Para tanto, as seções apresentam, após a Introdução, Abordagens teórico-metodológicas, que tratam das considerações sobre semântica: homonímia; Breve contexto histórico do Maranhão na segunda metade do século XIX e início do século XXI; Apresentação e organização dos manuais didáticos; Análise do fenômeno semântico homonímia, além da conclusão e referências. A seguir, a primeira seção: Abordagens teórico-metodológicas.

2 ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Nesta pesquisa, adotou-se como procedimentos metodológicos a abordagem qualitativa, de natureza descritiva. Desse modo, de acordo com Matias-Pereira (2019, p. 88), “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa”, assim como Creswell (2010, p. 209) afirma que “a pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem”, e Gil (2002, p. 133) indica que a “análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”. Assim, destaca-se que, na abordagem qualitativa, o foco está voltado a identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente.

Quanto à pesquisa de natureza descritiva, Alves (2011) assevera que trata-se de uma das classificações da pesquisa científica, na qual seu objetivo é descrever as características de uma população, um fenômeno ou experiência para o estudo realizado. Além da pesquisa documental, Fachin (2017, p. 137) considera “[...] documento qualquer informação sob a forma de textos [...]”, como é o caso do livro didático, por exemplo. Desse modo, considera-se esse tipo de pesquisa a mais ideal para o estudo.

Para tanto, o trabalho é constituído das seguintes etapas: Leitura e descrição dos *corpora*; Identificação do fenômeno semântico homonímia; Análise do fenômeno semântico homonímia, com o estabelecimento de confluências e divergências entre as obras da proposta de ensino da semântica, especificamente do fenômeno semântico homonímia, por meio do confronto entre os manuais didáticos de 1883 e 2015. Dessa forma, a análise dos *corpora* constitui-se de três aspectos: apresentação; organização e homonímia na sala de aula. A seguir, apresenta-se as Considerações sobre semântica: homonímia.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE SEMÂNTICA: HOMONÍMIA

O estudo da semântica se torna relevante por tratar do signo linguístico, sendo fundamental ao entendimento e à comunicação. Segundo Marques (1996, p. 26), “desde o século V a.C., registra-se, entre os filósofos gregos, preocupação com a linguagem, com o tema ligado à interpretação dos fenômenos naturais e às suas relações com instituições sociais”. Toma-se, pois, como imprescindível esta ciência responsável pelo significado, por buscar respostas a indagações remotas do homem.

Nessa perspectiva, a autora ressalta que os estudos da linguagem consideravam como essenciais “[...] determinar se as palavras se associavam naturalmente às coisas a que se referiam ou se as palavras nomeavam as coisas em decorrência de seu uso na intercomunicação social: a relação entre as palavras e as coisas era arbitrária e resultado de convenção” (Marques, 1996, p. 26). Esse foi um dos pontos iniciais aos estudos semânticos, mas outros aspectos surgiram como as mudanças de sentido. Meillet (*apud* Marques, 1996, p. 35) afirma que “como as palavras mudam de sentido, atribui as alterações semânticas as três causas gerais – linguísticas, históricas e sociais”. Por isso, muitas palavras perdem o elo com sua etimologia recebendo um uso completamente novo.

Em 1883, o Francês Michel Bréal introduziu o termo semântica no meio científico, uma ciência nova que, no entanto, possui tanto um sentido *estrito*, por abordar questões semânticas linguísticas, como *lato* por envolver outras disciplinas como a psicologia, a filosofia, a lógica, entre outras. Salienta-se que um dos problemas encontrados pelos semanticistas é a abrangência de significado, pois este não possui resposta exata ocasionando uma discussão, que possibilita divergências e interpretações distintas que variam de acordo com a corrente de pensamento, a época e a teoria que os estudiosos recorrem (Marques, 1996).

A semântica é responsável por estudar o significado, inclusive, Bechara (2015, p. 397) afirma que, “no decorrer da história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário”. Por conseguinte, as alterações nos significantes, muitas vezes, ultrapassam o campo semântico e assumem um novo valor na comunidade linguística.

Nessa perspectiva, “por se tratar de uma ciência que tem o significado como objeto de investigação, figura como campo heterogêneo e multifacetado, visto a abertura que dá à variedade de sentidos que palavras e expressões da língua agregam ou podem vir a agregar” (Lima; Nogueira, 2024, p. 142). Os estudos semânticos ultrapassam as questões gramaticais, tornando necessária a distinção entre conhecimentos linguísticos e extralinguísticos, ou seja, entre conhecimentos da língua e de mundo. Assim, para esta pesquisa, aborda-se a semântica lexical, pois, de acordo com Cançado e Amaral (2017), trabalha com o conceito de campo lexical ou campo semântico, sendo o conjunto de palavras que apresentam uma relação de sentido; além da análise componencial; e a semântica relacional que trata das “sinonímias (palavras de sentido equivalente), hponímias (palavras com sentido mais específico), antonímias (palavras de sentido oposto), meronímias, homonímias, polissemia –, entre outros” (Nogueira; Barreto, 2021, p. 596). Pretende-se, desse modo, analisar o léxico inserido nas estruturas sintáticas, particularmente o fenômeno semântico da homonímia.

Para Ullmann (1964, p. 368, 373), a homonímia possui três processos pelos quais pode surgir: convergência fonética, que trata do desenvolvimento de sons convergentes, ou seja, quando dois ou mais itens lexicais tiveram, no passado, formas diferentes que coincidem na linguagem falada e escrita; além de divergência semântica, quando há o desenvolvimento de sentidos divergentes, isto é, “quando dois ou mais significados da mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dará lugar à homonímia e a unidade da palavra será destruída [...]”; e,

por fim, influência estrangeira, quando palavras estrangeiras se introduzem em uma língua, adaptando-se ao sistema fonético no qual se introduziram, e coincidem com outras palavras já existentes. Em virtude disso surgem pares de homônimos.

Ao abordar o conceito de homonímia absoluta, Lyons (1997, p. 82, tradução nossa¹) aponta que os homônimos absolutos cumprem três condições essenciais: “possuem significados não relacionados entre si, todas as suas formas têm de ser idênticas e as formas idênticas têm de ser gramaticalmente equivalentes”; ressaltando que se trata de considerações tradicionais acerca do tema. O autor, por sua vez, questiona sobre o fato de dicionários ingleses (estende-se, nesta pesquisa, estas considerações à língua portuguesa) atribuírem, geralmente, duas entradas para algumas lexias, com significados distintos (Lyons, 1997).

Assim, considera que se trata de dois lexemas distintos, pelo fato de terem surgido das diferentes origens etimológicas e que tal diferenciação com base na semântica das palavras seja relevante, presumindo que uma lexia se tenha cindido em duas “com base no fato de os seus significados não só serem diferentes, como estranhos, um ao outro” (Lyons, 2009, p. 111). Trata-se, pois, de um critério etimológico. Assim, na intenção de delimitar o problema no que tange à conceituação de homonímia, abandona os critérios semânticos e prioriza os critérios sintáticos e morfológicos, na definição do lexema. Nessa perspectiva, é tradição dizer-se que os homônimos são palavras diferentes (i.e. lexemas) com uma forma igual (Lyons, 1997).

De acordo com Abrahão (2018, p. 129), devido a algumas variações, as homonímias são classificadas como: “homófonas homográficas (homônimos perfeitos): palavras iguais na escrita e na pronúncia [...]” homonímias heterofônicas são “[...] palavras iguais na escrita, mas diferentes na pronúncia [...]”; inclusive as homófonas heterográficas, pois se manifestam por meio de “palavras iguais na pronúncia, mas diferentes na escrita [...]”. Diante disso, no processo ensino-aprendizagem, é necessária atenção, diante da possibilidade da homonímia provocar duplicidade de sentido, seja de forma intencional ou inadvertida. Em virtude de tais classificações, Henriques (2018, p. 86) salienta que a homonímia não deve ser confundida com a polissemia, uma vez que, na primeira, “há duas palavras (e dois significados)”, enquanto na segunda “há apenas uma palavra (e mais de um significado)”. Acrescenta-se, ainda, que, conforme Cançado (2012), os sentidos das palavras não são relacionados, mesmo que possuam o mesmo som para grafias diferentes.

Nos estudos semânticos, convém ser ressaltado o contexto, visto que “[...] pode acrescentar informações que não são especificadas no sentido; em exemplos de ambiguidade, o contexto especificará qual o sentido a ser selecionado” (Cançado, 2012, p. 66). Entende-se, porquanto, que os significados sofrem alterações de acordo com determinado contexto, pois, para Ferrarezi Junior (2008, p. 23), trata-se do “que vem antes e depois da palavra, o restante do texto, o texto que precede e sucede o próprio texto, o texto que se junta e que referencia o texto [...]”, e acrescenta “num entrelaçar de palavras em textos que acabam formando o complexíssimo conjunto de sinais interligados que procuramos entender quando nos comunicamos”. E, referente ao uso da língua, Ilari

¹ (i) tendrán significados no relacionados entre sí; (ii) todas sus formas han de ser idénticas; (iii) las formas idénticas han de ser gramaticalmente equivalentes.

(2011, p. 13) afirma que “a escrita funciona como uma análise da fala”. Por isso o contexto é relevante para o estudo de línguas, pois evita equívocos na fala e na escrita, facilitando a compreensão na interação social.

Por conseguinte, infere-se que há necessidade do estudo da semântica no processo ensino-aprendizagem e esta pesquisa busca identificá-lo nos manuais didáticos, ferramentas amplamente utilizadas na sala de aula. A seguir, a seção: Breve contexto educacional do Maranhão na segunda metade do século XIX e início do século XXI.

2.2 BREVE CONTEXTO EDUCACIONAL DO MARANHÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XXI

A pesquisa, também, se preocupa com fatores externos das obras para compreender as influências na produção do manual didático, pois o saber linguístico está diretamente ligado às políticas educacionais de cada época. Assim, no século XIX, o país passava por grandes transformações, tais como a abolição dos escravos, Independência e República. Por isso, os fatores políticos e sociais causaram um grande sentimento nacionalista o qual valorizava a identidade cultural e linguística do povo. Consequentemente, o objetivo do ensino da Língua Portuguesa, como reitera Nogueira (2015, p. 56), era “[...] levar conhecimento, ou ao reconhecimento a norma padrão culta”. Dessa forma, valorizando a gramática, mas também buscando o falar e o ler corretamente.

No Maranhão, foi criado o Liceu Maranhense em 1838, e “era defendido o método de Lancaster como um dos principais recursos para solucionar a falta de difusão do ensino elementar a uma clientela de homens livres”, afirma Nogueira (2015, p. 60). Nessa perspectiva, os métodos de ensino era uma cópia dos europeus, sendo o sistema de Lancaster monitorial, os estudantes mais adiantados ajudavam seus colegas com as aulas de escrita, leitura, cálculo e catecismo. Inclusive, disciplinas escolares com cunho moral faziam parte da grade escolar, pois buscavam que os discentes aprendessem regras do convívio em sociedade. Este método foi apoiado pelo presidente da Província (Maranhão) em 1839, com o propósito de dirimir problemas, tais como a falta de difusão do ensino elementar a uma maior clientela de homens livres.

Em 1854, por meio do Decreto Imperial, tem-se a regularização da instrução pública primária, observando-se que o acesso era das classes mais favorecidas do império, visto que detinham um parco domínio da norma padrão culta exigida na escola. Enfatiza-se que a gramática (como manual didático) era utilizado para desenvolver habilidades de falar, ler e escrever corretamente. No Maranhão, em 1864, ocorreu o estudo da língua materna de forma mais profunda, particularmente no colégio Instituto de Humanidades.

Em 1890, há desvinculação do Estado com a igreja, a educação passou a ser laica, pondo fim as disciplinas religiosas, que eram obrigatórias no início do Brasil oitocentista. Nessa perspectiva, observa-se que a educação, inicialmente, trabalhada pelos jesuítas, sofreu grande influência do positivismo, que priorizava a ciência (Carli, 2013). Por isso, o país passou a produzir manuais didáticos, contribuindo, grandemente, para o processo de gramatização.

No início do século XXI, ainda vigoravam os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, documento estruturado com abrangência em diversas áreas do conhecimento e

temas transversais, que propunham parâmetros e orientações educacionais nacionais que contemplavam, também, as diversidades regionais, pois auxiliavam o processo ensino-aprendizagem (Brasil, 1998). Em 2013, são elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN, alicerçadas no direito de todo indivíduo à educação com qualidade social, com vistas a assegurar o ingresso e permanência do estudante na escola, além de redução da evasão, dirimindo as distorções de idade/ano/série (Brasil, 2013).

Em 2017, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, documento basilar da Educação Básica nacional, é homologada. Compreende-se que se trata de uma complementação aos currículos, a fim de “assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica” (Brasil, 2017, p. 16). Para tanto, descreve-se a habilidade EF69LP04 que objetiva “identificar e analisar os efeitos de sentido que fortalecem a persuasão nos textos publicitários, relacionando as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados”, e a EF69LP05 que busca “inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc., o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.” (Brasil, 2017, p. 134).

Convém ressaltar-se que um dos documentos a ser analisado nesta pesquisa data de 2015, porém, também foi utilizado no ciclo de 2017 a 2019 e, assim, seu conteúdo contempla o teor da BNCC. A seguir, apresenta-se a análise das categorias de Apresentação e Organização dos manuais didáticos.

3 APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS MANUAIS DIDÁTICOS

Esta seção será destinada à análise dos *corpora*, configurando-se o confronto entre estes dois manuais didáticos com o estabelecimento de confluências e divergências da proposta de ensino-aprendizagem da semântica, uma vez que a utilização de manuais didáticos está em conformidade com a política educacional do país. Para tanto, aborda-se os seguintes aspectos de análise: apresentação e organização. Consequentemente, buscando contribuir com o ensino da língua materna, enfatizando o estudo da semântica. Na apresentação das obras, pode-se conferir a justificativa dos autores para a sua elaboração; e, na organização, verifica-se o conteúdo proposto.

Inicia-se com a apresentação de *Estudinhos da Língua Portuguesa; escritos e compilados*, de 1883, indicando que o autor maranhense, José Augusto Corrêa, ficou conhecido por sua assinatura em manuais didáticos, tanto que escreveu livros de Língua Portuguesa e Matemática. Além disso, teve muitas funções no Estado do Maranhão trabalhando, como funcionário federal, inspetor da alfândega de São Luís e delegado fiscal. Ademais, nasceu na capital Maranhense no dia 3 de agosto de 1854 (Soares, 2016).

Esta obra foi publicada na Tipografia de B. d'Almeida, no Maranhão, indicada na capa (além do título, autoria e indicação do volume 1º) que não é colorida. Atualmente, a gramática encontra-se digitalizada na biblioteca Maranhense: Benedito Leite, localizada em São Luís. Seu objetivo é o ensino de língua materna, utilizando-se de autores brasileiros e estrangeiros para fundamentar a teoria gramatical. Consequentemente, Corrêa teve uma vida ocupada e, na apresentação de sua obra, deixa esse fato explícito. Vale ressaltar que,

no século XIX, as gramáticas eram utilizadas em sala de aula, destinadas ao processo de ensino-aprendizagem, inclusive nas escolas maranhenses. Assim, justifica-se a seleção deste manual didático para esta pesquisa.

A Apresentação intitulada “Ao Leitor” é iniciada com uma epígrafe, uma estrofe do poema de Almeida Garrett, autor português, romântico, que diz: “Julga-me razão recta e corações direitos; não me examinem sábios nem grandes homens”. Dessa maneira, Corrêa (1883) apresenta seu conhecimento e apreço pela literatura clássica, bem como seu receio de críticas por parte dos receptores da sua obra. O autor demonstra sua modéstia ao assumir que, em seu trabalho, pode haver erros e pede para que, quando identificados, o leitor os indique, a fim de que possa inclui-los em sua obra. Corrêa (1883, p. 3) afirma que “neste meu pequeno trabalho ha erros, ha defeitos que corrigirei numa 2ª edição”. Além disso, o autor ressalta que sua vida é ocupada e que procura ser útil, escrevendo em seu tempo livre, pois as horas dedicadas a seu trabalho eram bem empregadas. Dessa forma, o autor gostava de escrever e seu tempo livre era dedicado à escrita e estudos, confirmando ser estudioso e abertos a críticas.

No confronto entre as obras, indica-se o aspecto Apresentação da obra *Português: Linguagens*, de Cereja e Cochar, de 2015. Os autores consideraram relevante a inserção de minibiografia que comprovam suas credenciais para a elaboração desta obra, assim, William Cereja é professor graduado em Português e Linguística e licenciado em português pela Universidade de São Paulo. Além disso, é mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo; Doutor em Linguística Aplicada e Discurso na PUC-SP e Professor da rede particular de ensino em São Paulo, capital (Cereja; Cochar, 2015).

Thereza Cochar é professora graduada em Português e Francês, licenciada pela FFCL de Araraquara, SP, Mestre em estudos Literários pela Unesp de Araraquara, SP e Professora da rede pública de ensino em Araraquara, SP. Inclusive, os autores possuem diversas obras para o ensino fundamental. Em vista disso, cabe enfatizar que a biografia dos autores se encontra no livro didático indicando a capacitação de ambos para escrever a obra (Cereja; Cochar, 2015). O livro didático está em sua 9ª edição reformulada pela Editora Saraiva, possuindo a validade de 3 anos, estes são: 2017, 2018 e 2019. Por conseguinte, justifica-se a seleção por ser um dos mais adotados no Maranhão, a exemplo dos polos educacionais da periferia do município de Imperatriz/MA.

Em relação às capas, a obra *Português: Linguagens*, de 2015, verifica-se divergências da obra *Estudinhos da Língua Portuguesa; escritos e compilados*, de 1883, pois, enquanto a primeira não apresenta ilustrações e nem possui cores, a segunda é muito colorida com imagens de estudantes sorridentes. Na obra do século XXI, há outras informações, além dos nomes dos autores, tais quais a Série: 6º ano, editora: Saraiva, e o selo que identifica a autorização do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Considerando, além disso, que tem a “venda proibida” com vigência para o ciclo de 2017 a 2019, comprovando que se trata de um material didático detentor da chancela do governo brasileiro e que o conteúdo está adequado para a série indicada.

Esta obra também possui uma “Apresentação” da autoria direcionada ao “Caro estudante”, desse modo, evidencia-se uma forma de respeito e aproximação dos autores para com o usuário do livro, isso ocorre durante todo o texto de apresentação. Cereja e Cochar (2015, p. 3) justificam o público-alvo da obra: “para você que é curioso, gosta de

aprender, de realizar coisas, de trocar ideias com a turma sobre os mais variados assuntos, que não se intimida em dar opinião... porque tem opinião”. Nota-se que os autores buscam incentivar o estudante a utilizar o livro, ressaltando qualidades que o alunado deve ter.

Salienta-se que os autores procuram colocar a língua como meio de interação do indivíduo em sociedade, citando várias questões do uso da língua seja oral ou escrito. Para os autores, o livro é “também para você que ‘plugado’ no mundo, viaja pela palavra, lendo livros, jornais, revistas; viaja pelo som ouvindo música ou tocando um instrumento; viaja pela imagem apreciando uma pintura, lendo quadrinhos”, além de “assistindo a tevê ou a um vídeo, ou navega pela internet, procurando outros saberes e jovens de outras terras para conversar” (Cereja; Cochar, 2015, p. 3). Dessa maneira, evidencia-se que os autores da obra didática do século XXI indicam possibilidades de leituras e atividades relevantes para o processo ensino-aprendizagem.

Quanto à Apresentação, no confronto entre os *corpora*, observa-se, por um lado, confluências, uma vez que se tem a voz dos autores aos leitores/estudantes com o incentivo a interessarem-se pelo conteúdo. Inclusive, Corrêa (1883) intitula “Ao Leitor” e Cereja e Cochar (2015, p. 3) indicam que “este livro foi escrito para você”. Por outro lado, indica-se divergências, em virtude da obra do século XIX ser sucinta e, priorizar preocupação quanto a possíveis erros na obra; enquanto que a obra do século XXI apresenta propostas que aguçam à criatividade e imaginação do estudante. A seguir, aborda-se o aspecto de análise Organização.

3.1 ORGANIZAÇÃO DOS MANUAIS DIDÁTICOS

A gramática *Estudinhos da Língua Portuguesa; escritos e compilados*, de 1883, em sua organização, não possui sumário ou índice e os tópicos são apresentados no decorrer da obra. Inclusive, não há exercício de fixação, contudo, contém exemplos relacionados aos conteúdos, presando pela gramática normativa. Para o aspecto Organização, elaboramos uma apresentação do sumário, a título de contribuição para o entendimento da organização da obra (Quadro 1):

Quadro 1 – Sumário da obra de 1883

SUMÁRIO	
PRIMEIRA PARTE Pronome pessoal e adjectivo pronominal	TERCEIRA PARTE Concordância: Do verbo com o sujeito; Do singular e Do plural.
SEGUNDA PARTE Adjectivo pronominal: Função; Referência e Gênero.	QUARTA PARTE Concordância do adjectivo com o verbo
	QUINTA PARTE Errata

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os tópicos supracitados são os principais na obra. No entanto, o autor utiliza 40 notas de rodapé para explicar outros conteúdos, como: aspectos semânticos e estilísticos. Dessa forma, explica assuntos relevantes para o ensino da gramática normativa, sendo, as notas inseridas na obra fundamentais para o bom uso da Língua Portuguesa. Salienta-se que a obra possui compilados, pois, além dos escritos do autor, há várias influências e trechos de outros teóricos da época, além de poesias. O estudioso faz referência a autores nacionais e estrangeiros para fundamentar sua obra, tais como os brasileiros José Alexandre Passos, Costa Duarte, Julio Ribeiro, Francisco Sotero dos Reis; e os portugueses Camões, João de Lemos, Soares Barbosa, Antonio Vieira, Sá de Miranda, João de Barros, Julio Diniz; provando ser detentor de cultura e conhecimento no campo da literatura e gramática.

Desse modo, evidencia-se seu conhecimento da língua e a valorização de obras produzidas por seus contemporâneos, além da valorização da produção brasileira, uma vez que o país passava por grandes transformações, que provocava um grande sentimento nacionalista.

Em continuidade ao aspecto Organização, no confronto entre as obras analisadas, indicamos a organização do livro didático *Português: Linguagens*, de Cereja e Cochar (2015), por meio da adequação do Sumário (Quadro 2), a fim de obtermos maior objetividade no estudo:

Quadro 2 – Sumário da obra de 2015

SUMÁRIO	
UNIDADE 1 – No mundo da fantasia	UNIDADE 3 – Descobrimo quem sou eu
Capítulo 1 – Era uma vez	Capítulo 1 – No frescor da inocência
Estudo do texto	Capítulo 2 – O preço de pensar diferente
Produção de texto	Capítulo 3 – O eu que existe em mim
A língua em foco	
Semântica e discurso	
Divirta-se	UNIDADE 4 – Verde, adoro ver-te
Capítulo 2 – Pato aqui, pato acolá	Capítulo 1 – Asas da liberdade?
	Capítulo 2 – A natureza pede socorro
Capítulo 3 – Ó princesa! Jogue-me suas...	Capítulo 3 – Natureza no museu
UNIDADE 2 – Crianças	Bibliografia
Capítulo 1 – O fazendeiro da cidade	
Capítulo 2 – Entre irmãos	
Capítulo 3 – Ensaio de vida	

Fonte: Elaborado pelas autoras

A obra didática apresenta em sua organização (Quadro 2) 4 Unidades com 3 Capítulos cada, com conteúdo variado distribuído em seções: Estudo do texto, Produção de texto, Para escrever com expressividade, De olho na escrita, Divirta-se, Passando a limpo, Para escrever com coerência e coesão, não necessariamente repetidas nas unidades.

Convém ser destacado que, na seção A língua em foco, que apresenta o conteúdo gramatical, há uma subseção intitulada Semântica e discurso em todos os capítulos da obra.

Quanto à Organização, no confronto entre os *corpora*, há divergências, pois, por um lado, Corrêa (1883) não apresenta sumário ou índice, iniciando com a apresentação e, em seguida, aborda o conteúdo, que é composto, apenas, por teorias gramaticais e exemplos. Por outro lado, Cereja e Cochar (2015) expõem um sumário, indicando o conteúdo formado por textos e gêneros textuais com propostas inovadoras, buscando incentivar o estudante à pesquisa, particularmente abordando teoria e atividades de semântica em toda sua extensão. A seguir, a análise do fenômeno semântico homonímia nos *corpora*.

4 ANÁLISE DO FENÔMENO SEMÂNTICO HOMONÍMIA

Esta seção será destinada à análise dos *corpora*, abordando o aspecto homonímia na sala de aula, visto que se busca averiguar em que medida os manuais didáticos abordam este fenômeno semântico no processo ensino-aprendizagem proposto. Indica-se, a seguir, a obra de 1883.

Em *Estudinhos da Lingua Portuguesa; escritos e copilados*, de Corrêa (1883), não há um espaço específico dedicado ao estudo da semântica. Nessa perspectiva, verificou-se que, ao expor “Sobre o logar que devem ocupar o pronome pessoal e o adjectivo pronominal, seção XIII, Corrêa (1883, p. 40-41), na nota de rodapé, número 20, aborda conceitos de homonímia.

Desse modo, ao explicar metaplasmos, arcaísmos, neologismos e barbarismos, fatores que influenciam diretamente na escrita, indica alguns gramáticos e, inclusive, corrobora com as ideias do autor português António Feliciano de Castilho ao afirmar que, “como o diz o Sr. A. F. de Castilho em sua obra sobre a pontuação, parecendo esta opinião razoável [...]”. E, assim, distingue que na escrita “as palavras *homophonas* (teem a mesma pronuncia, mas escrevem-se com alteração nas letras) – cessão (acto de ceder), sessão (reunião), secção (parte de um todo); pena (trabalho, castigo, etc.), penna (de escrever, de aves)” (Corrêa, 1883, p. 41), fixando o conceito com exemplos, para que o conteúdo fique de fácil entendimento para o leitor.

Além disso, Corrêa (1883, p. 41) ressalta que “as *homographas* (escrevem-se com as mesmas letras, admittindo distincção no accentto) – férvido (simplem adjectivo), fervido (part. passivo); pregar (segurar com pregos); prégar (falar sermão)”. Evidencia-se que o autor utiliza-se de algumas palavras, por meio das quais explicita a classe gramatical e seus outros significados, afirmando que as homonímias são formas iguais que possuem significados distintos e mais de uma entrada lexical no dicionário. Por conseguinte, Corrêa acrescenta:

As homonymas propriamente (que teem o mesmo nome e significação diversa) nenhuma distincção admitem manga; manga, por exemplo, póde ser de nuvem, de vento, de vidro, do verbo mangar, de camisa, fructo de manguieira, mas escreve-se sempre da mesma fórma (1883, p. 41).

O autor menciona as homônimas perfeitas, apesar de não utilizar tal nomenclatura. Em continuidade à exposição do conteúdo, em relação à palavra “fôrma”, o autor adverte:

Como o uso constitue lei, ás vezes onde se pôde fazer a distincção com o accento, deixaõ-na de fazer; por exemplo é commum escrever *forma* para designar as diversas accepções em que pôde ser tomada esta palavra em sua significação, quando poderíamos distinguir fôrma (maneira, etc.) de fôrma (molde). Não seria máo adoptar a distincção, sempre que fosse possivel (Corrêa, 1883, p. 41).

Convém ser ressaltado que as questões ortográficas em Língua Portuguesa, entre os países lusófonos, são tratadas por meio de Acordos Ortográficos. Assim, tais considerações de Corrêa (1883) devem ser verificadas na sua contemporaneidade.

Diante disso, Corrêa (1883) apresenta a homonímia de maneira secundária, sendo apenas citada em nota de rodapé, como breve suporte de escrita. Mesmo assim, o fato de inseri-las na obra revela sua preocupação em conceituar e exemplificar este fenômeno semântico, tão relevante na leitura e escrita da língua materna, pois auxilia o estudante na utilização de tal recurso, uma vez que o texto poderia ser prejudicado por ambiguidade.

4.1 HOMONÍMIA NA OBRA *PORTUGUÊS: LINGUAGENS*, DE 2015

A obra *Português: Linguagens*, de Cereja e Cochar (2015), apresenta confluências com a obra de Corrêa (1883), pois o estudo das homônimas não possui destaque nas seções e subseções, inserido de forma secundária como suporte para outro conteúdo linguístico. Assim, apenas na Unidade 3, Capítulo 3, subseção intitulada Semântica e discurso, verifica-se que a homonímia é abordada para tratar de valor semântico da palavra; além de na Unidade 4, Capítulo 3, subseção intitulada De olho na escrita, no estudo da acentuação, sem que Cereja e Cochar (2015) explicitem os conceitos.

Cereja e Cochar (2015), no livro didático, especificamente na subseção intitulada Semântica e discurso, propõem análises e reflexões acerca dos mais variados conteúdos linguísticos (léxico, linguagem verbal e não verbal, substantivo, adjetivo, sinonímia, adjetivo no superlativo, artigo, numeral, ambiguidade, verbo) utilizando diversos gêneros textuais (tira, notícia, anúncio publicitário, anedota, quadrinhos, folheto de cordel, entre outros) para fixar a teoria com recursos visuais e humor. Em relação à homonímia, ao realizarem avaliação do conteúdo de numeral, apresentam um folheto de cordel e um anúncio. Para tanto, em um boxê, intitulado *Um*: artigo ou numeral? indicam:

Quando **um** é artigo, podemos colocar na frase a palavra **qualquer** após o substantivo que ele acompanha [...] Quando **um** é numeral, podemos colocar na frase, antes dele, as palavras **somente** ou **apenas**, sem modificar o sentido [...] Podemos também substituir um por dois, para ver se a palavra um expressa ou não a ideia de quantidade [...] (Cereja; Cochar, 2015a, p. 191).

Ao lado desta breve explicação sobre as diferenças do “um” (artigo) e “um” (numeral), os autores exibem o anúncio da Lupo, (Figura 1):

Figura 1 – Anúncio da Lupo



Fonte: <https://complemento.veja.abril.com.br/acervodigital/index-novo-acervo.html>

Na (Figura 1), localizada na Unidade 3, Capítulo 3, há o anúncio da Lupo como suporte para as seguintes atividades de semântica:

O anúncio cria propositalmente um jogo linguístico que envolve tanto a classe gramatical quanto o valor semântico da palavra **um**.

- Inicialmente, quando lemos “Neste Dia das crianças, dê **um** presente”, a palavra **um** parece ser artigo indefinido ou numeral? Justifique sua resposta.
- Na continuação do enunciado, em “que vira mais de **um**”, qual é a classe gramatical da palavra **um**: artigo indefinido ou numeral? Justifique sua resposta.
- Ao lermos o enunciado todo, o sentido de **um** na expressão “**um** presente” se mantém? Por quê? (Cereja; Cochar, 2015, p. 191, grifo do autor).

Desse modo, as atividades propõem reflexão sobre os valores semânticos da palavra “um” e, à guisa de sugestão para possíveis respostas, os autores indicam: a) “Parece ser artigo indefinido, pois dá ideia de um presente qualquer, entre vários”; b) “É numeral, pois dá ideia de quantidade”; c) “Não, a presença do numeral *um* na parte final do enunciado cria ambiguidade em relação à palavra *um* empregada na parte inicial, pois podemos entender que ela se refere a um presente qualquer ou a um único (e não dois ou mais) presentes” (Cereja; Cochar, 2015b, p. 191, grifo do autor). Assim, identifica-se uma oportunidade de, na interação em sala de aula, dirimir possíveis dúvidas quanto ao fenômeno semântico homonímia.

Outra atividade localiza-se na Unidade 4, Capítulo 3, subtópico De olho na escrita, com a seguinte tirinha (Figura 2):

Figura 2: Tira do Calvin & Haroldo



Fonte: <https://depositocalvin.blogspot.com/2010/02/>

A tira (Figura 2) serve de base para a fixação do conteúdo de acentuação com as seguintes atividades:

Leia a tira a seguir, de Bill Watterson, criador da personagem Calvin.
[...]

3. Na tira, a palavra paroxítona **para** foi empregada duas vezes, mas com sentidos diferentes.
 - a) Identifique em qual quadrinho essa palavra indica uma ação e é verbo.
 - b) Identifique em qual quadrinho essa palavra indica uma finalidade (Cereja; Cochar, 2015a, p. 264, grifo do autor).

Cereja e Cochar (2015b, p. 264) limitam-se a indicar como respostas: a) “No 1º quadrinho” e b) “No 2º quadrinho”, pois não explicitam a teoria semântica pertinente à estas atividades.

A palavra “para” (pa-ra) pode ser “preposição” ao exprimir lugar de destino, destinatário, finalidade; indica limite temporal aproximado, intenção, aptidão, restrição, ponto de vista, relação. A expressão “para que” indica o objetivo. A sua origem etimológica vem do latim “*per, por*, através de + latim *ad*, para, em direção de”. Ainda, “prefixo”, quando trata-se de elemento “designativo de aquilo ou aquele que protege”, entra “na composição de um grande número de palavras com várias significações” com origem etimológica do “latim *paro, -are*, preparar, esforçar-se para obter ou conseguir”; classificada como “substantivo de dois gêneros” em “[Portugal, Informal], [Militar] Soldado especialmente exercitado para descer em paraquedas na retaguarda inimiga”, com origem etimológica “redução de paraquedista”; e, também, pode ser o verbo parar (pa-rar) flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo e 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo; ou Convém ser ressaltado que esta forma derivada do verbo ocorre após o Acordo Ortográfico vigente, em substituição de “para”. Nessa perspectiva, o uso da palavra “para” trata-se de homonímia, uma vez que pode ser preposição ou verbo.

Quanto ao fenômeno semântico homonímia, na sala de aula, no confronto entre os *corpora*, observa-se divergências, no tocante à obra de Corrêa (1883), apresenta conceitos de homonímia com exemplificação, apesar de estarem em nota de rodapé; e à obra de Cereja e Cochar (2015), propõe atividades que possuem gêneros textuais variados com o objetivo de tornar o conteúdo mais atrativo para o público alvo, mesmo não explicitando os conceitos de homonímia. Convém ser ressaltado que verifica-se convergência entre as obras, especificamente, considerando que as homonímias são palavras iguais, mas que possuem mais de uma entrada lexical.

CONCLUSÃO

Ao verificar as obras, no tocante à capa, verifica-se divergência, pois, a de Corrêa (1883) não apresenta ilustrações e nem possui cores, a de Cereja e Cochar (2015) é bem colorida com imagens de estudantes felizes. Quanto à apresentação, observa-se confluência quando os autores incentivam os leitores/estudantes a interessarem-se pelo conteúdo; mas também indica-se divergência, em virtude de a obra do século XIX ser sucinta e, indicar preocupação quanto a possíveis erros na obra; e de a obra do século XXI oferecer propostas que aguçam à criatividade e imaginação do estudante.

Em relação à organização, constata-se divergências, em virtude de Corrêa (1883) não expor sumário ou índice e o conteúdo é composto por teoria e exemplificação; Cereja e Cochar (2015), por sua vez, exibem um sumário, indicando o conteúdo formado por textos e gêneros textuais com propostas inovadoras, buscando incentivar o estudante à pesquisa, particularmente abordando teoria e atividades de semântica em toda sua extensão.

Quanto ao fenômeno semântico homonímia, na sala de aula, no confronto entre os *corpora*, observa-se divergências, no tocante à obra de Corrêa (1883), apresenta conceitos de homonímia com exemplificação, apesar de estarem em nota de rodapé; e à obra de Cereja e Cochar (2015), apresenta atividades variadas, utilizando diferentes recursos visuais e textuais com o objetivo de tornar o conteúdo mais atrativo para o público alvo, mesmo não explicitando os conceitos de homonímia.

Diante disso, as duas obras tratam a semântica de maneira secundária, no entanto, na obra de Cereja e Cochar (2015) tem um espaço destinado à semântica em meio a conteúdos gramaticais. Dessa forma, a obra *Português: Linguagens* explora a semântica em toda sua extensão, utilizando charges, anúncios e atividades. A semântica é uma ciência, que trabalha com o sentido e evita ambiguidades na fala e na escrita, sendo relevante para o bom uso da língua, logo, deve ser abordada durante a formação escolar do estudante.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Virgínia B. B. *Semântica, enunciação e ensino*. Vitória/BA: EDUFES, 2018.

ALVES, I. *Pesquisa descritiva*. Significados. 2011. Disponível em: <https://www.significados.com.br/pesquisa-descritiva/>. Acesso em: 13 ago. 2019.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Linguagens – Língua Portuguesa Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2017.

CALVIN & HAROLDO – *Tirinha #582*. Postado por sistoxisto às 8:08 pm. Marcadores: 1987, calvin, criaturas. Disponível em: <https://depositocalvin.blogspot.com/2010/02/>. Acesso em 12 de jul. 2024.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CEREJA, R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. 6º ano. 9. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015a.

CEREJA, R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. 6º ano. Manual do professor. 9. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015b.

CORREA, J. C. *Estudinhos da Língua Portuguesa; escritos e copilados*. vol. 1. São Luís: Almeida, 1883.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FACHIN, O. *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: Saraiva, 2017.

FERRAREZI JUNIOR, C. *Semântica para a educação básica*. São Paulo: Parábola, 2008.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

HENRIQUES, C. C. *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. São Paulo: Alta Books, 2018.

ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, M. C.; NOGUEIRA, S. M. Semântica nossa de cada dia: estudo teórico-prático de expressões idiomáticas da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. *Revista Leitura*, v. 1, p. 140-156, 2024. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/16261>. Acesso em: 07 de jun. 2024.

LUPO. In: *REVISTA VEJA*. Edição 2342, 09 de Outubro de 2013. Chocolate, pode comer sem culpa! Editora Abril. Ano: 2013 / Páginas: 162. Idioma: português. Editora: Abril. Disponível em: Disponível em: <https://veja.abril.com.br/acervo>. Acesso em 12 de jul. 2019.

LYONS, J. *Língua(gem) e linguística*: uma introdução. Tradução de Marilda Winkler Averborg, Clarisse Sieckenius de Souza. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

LYONS, J. *Semântica linguística*: uma introdução. Traducción y adaptación de Santiago Alcobá. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 1997.

MARQUES, M. H. D. *Iniciação à semântica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1996.

MATIAS-PEREIRA, J. *Manual de metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: Atlas, 2019.

MATOS, J. C.; SILVEIRA, L. F.; NOGUEIRA, S. M. Semântica em livros didáticos lusófonos: Brasil e Timor-Leste. *Revista Verbum*. v. 11, n. 1, p. 53-73, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/57695>. Acesso em 10 de jun. 2024.

NOGUEIRA, S. M. *Língua portuguesa no Maranhão do século XIX sob o enfoque historiográfico*. São Luís: EDUEMA, 2015.

NOGUEIRA, S. M.; BARRETO, D. J. T. Abordagem da semântica nos livros didáticos de língua portuguesa nos livros didáticos de língua portuguesa em países lusófonos. *Revista da Abralín*. v. 20, n. 3, p.586-608, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1981>. Acesso em: 25 de mai. 2024.

PRIBERAM. *Dicionário Online Priberam de Português*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/para#:~:text=para%20que,-%E2%80%A2Indica%20o&text=Origem%20etimol%C3%B3gica%3Aatim%20per%2C%20por,p%C3%A1ra%2C%20forma%20do%20verbo%20parar>. Acesso em 12 de jul. 2019.

TIRA DO CALVIN. Disponível em: <https://depositocalvin.blogspot.com/2010/02/>. Acesso em 12 de jul. 2019.

ULLMANN, S. *Semântica*: uma introdução à ciência do significado. Trad. De J. A. Osório Mateus. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Submetido em 22 de abril de 2025
Aceito para publicação em 28 de dezembro de 2025